



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADEMAR DORNELLES PATTA

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado: Ademar Dornelles Patta

Nascimento: 29/03/1950

Local da entrevista: Ballet Stagium, Rua Augusta, 2985, segundo andar, São Paulo.

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira

Data da entrevista: 11.06.2013

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Conferência Fidelidade: Maria Luisa Oliveira

Copidesque: Maria Luisa Oliveira

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira

Mídia: Gravador Digital

Total de gravação: 45 minutos e 26 segundos

Páginas Digitadas: 26

Catálogo: Ivone Job (ou quem estiver responsável pela catalogação na biblioteca)

Registro:

Número de registro:

Observações: Após leitura, o/a entrevistado/a alterou alguns trechos do depoimento.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.</p>

Sumário

Identificação e entorno social; Início na Dança; Escola de Dança João Luiz Rolla; Trabalho na escola; Aproximação ao mestre e os saberes; Período de estudo na escola; Perfil como professor; Criação Artística; Espetáculos da Escola; Saída da Escola e Carreira Profissional; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 11 de Junho de 2013. Entrevista com Ademar Dornelles Patta a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C – Boa noite Ademar. Eu sou a professora Malu Oliveira, pesquisadora do CEME - Centro de Memória da UFRGS e estou realizando uma pesquisa sobre a Escola de Dança João Luiz Rolla para o projeto Garimpendo Memórias e gostaria de te ouvir a respeito da tua aproximação profissional a este assunto. Esta entrevista esta sendo gravada e após a transcrição tu poderás fazer qualquer correção e alteração que achares necessário. Então para começar eu peço que tu me digas teu nome completo.

A.P – Ademar Dornelles com dois “L” Patta com dois “T”

M.C – Qual é tua data de nascimento?

A.P – 29 de março de 1950, oficialmente. Em família, dia 22 de março de 1950, no rincão dos Patta, em Itaquí, no Rio Grande do Sul.

M.C – Então eu gostaria de saber como aconteceu tua inserção no universo da dança e quando a Escola de Dança João Luiz Rolla e o próprio professor entram na tua história.

A.P – Ele entra no começo. Eu sou da cidade de Itaquí, na fronteira do Rio Grande do Sul. A minha família é bastante conhecida na cidade: os Dornelles. Como em todo Rio Grande do Sul tem Dornelles... Patta também é uma família tradicional na fronteira, que acho que é de origem italiana, *acho não! O lado paterno é italiano*. Eu fui criado por uma família adotiva, pois meu pai faleceu quando eu tinha nove meses. E minha mãe com um *mundaréu* de filhos como era costume, não conseguia cuidar de todos e me passou para uma amiga dela, uma vizinha. Cresci com duas mães. Essa família que me criou tinha um casal de filhos. A filha moça deste casal casou, e o filho teve câncer. Em Itaquí não dava para se tratar, e minha mãe adotiva e meu irmão foram para Porto Alegre. Algum tempo depois nos mudamos todos para São Leopoldo. A família Saraiva da Rocha... pai, mãe, irmã casada com filhos e marido. Mas meu irmão doente fixou-se

em São Leopoldo. De São Leopoldo aos dez ou onze anos fui para um Seminário Jesuíta onde permaneci por alguns anos. O seminário era perto de Montenegro, em Salvador do Sul. Interessa falar esses detalhes?

M.C – Sim, com certeza!

A.P – Como era de São Leopoldo, eles acharam que eu deveria ir para o seminário... Lá, na hora de trabalhar, na roça, eles me perguntaram o que eu gostava de fazer: “Ah! Gosto muito de teatro”, falei. Mas nem sabia o quê era teatro. Na hora do trabalho eu cuidava do teatro, acompanhava as peças e lidava com figurinos, ajudava a limpar, consertava o que fosse necessário, coisas de internato. Depois passei para Florianópolis, um seminário um pouquinho mais avançado e lá os padres me viram com uma japonesa na rua e acharam que aquilo era demais, que era *muito moderno*. Sempre gostei de orientais e coisas diferentes... resumo: me expulsaram.

M.C – Sim

A.P – Deixei o seminário. Voltei para a família adotiva. Meu pai era dono de um armazém e eu o ajudava no balcão. Então meu pai disse: “tem que servir a pátria, é homem, e isso é coisa de homem.” Mas o lado gay estava explodindo. E eu fiz um curso de teatro.

M.C – Qual idade tu estavas?

A.P – Dezesete anos. Quase servindo à aeronáutica. Fiz tudo para entrar na aeronáutica lá em Canoas. Mas nesse período pintou um curso da Secretaria de Educação de teatro em Porto Alegre, salvo engano, sob a direção do Delmar e Dea Mancuso¹. Em São Leopoldo trabalhei numa região de banhado, de alagado... Dava aula para adultos, alfabetização para adultos.

M.C – Como se fosse o atual EJA – Ensino de jovens e adultos?

¹ Diretores de teatro.

A.P – Isso, exatamente. Foi quando vi o curso de teatro para professores. Curso de Teatro em Porto Alegre. Pegava ônibus, levava um século para chegar. No curso, um dia pediram para fazer expressão corporal, para imitar um sapo... *Eu era obeso* e mal conseguia imitar um sapo. Foi então que uma colega de curso que tinha feito balé chamada Estelamaris Prado me disse: “Olha posso te levar para meu professor de balé” Eu pensei... “Fazer balé? Ballé não! Não é coisa para homem.” E ela disse: “É para homem sim! Pode fazer se não gostares você não faz”. E me levou no Araújo Viana. A Estelamaris foi minha fada madrinha! É a estrela do Ademar: *Estrelamaris*.

M.C – Entendo.

A.P – Cheguei às duas horas da tarde com ela, e ela me apresentou para o Seu Rolla. Ela foi embora e eu não saí mais de lá. Sai naquele dia às nove e meia, dez horas da noite. Fiquei tão eletrizado, foi um descortinar de mundo, sabe? De sonho. Não acreditava... Aquilo parecia uma religião... Fiquei louco: “quero fazer isso toda a minha vida!”

M.C – Como o Professor Rolla te recebeu?

A.P – Ele deve ter simpatizado comigo, sabe?! Ele era muito direto, muito simples, muito sóbrio, elegante. “Ah! tu queres dançar?” Claro, ele viu que eu era enorme de gordo não é? “Ah! tu tá gostando mesmo, tu não queres sair? Distrair, sair... Tomar algo... comer um sanduiche, comer alguma coisa? Vamos!” Eu dizia: “Não, obrigado tá bom assim...” Eu queria ver tudo. Aula de criança, aula de adulto, lembro bem, ele não ficou comigo muito tempo, mas tudo o que ele fazia ele me olhava.

M.C – Sim.

A.P – *Íhhhh...* “Esse velho deve ser um carrasco”, pensei.

M.C/A.P –[risos]

A.P – Uma simpatia, tipo um paizão... Me senti muito bem! Tentei falar lá em casa, claro que não deu. Inventei um curso de francês lá em São Leopoldo mesmo. Consegui um livro de francês, uma coisa básica. Só esqueci um detalhe, essa minha irmã adotiva quando jovem... estudou em colégio de freira em Itaquí com noção de francês. Um dia ela disse: “Ah! Senta, vamos conversar: Comment allez-vous?”. E eu respondi: “O quê?” Estava armado o escândalo. Falhei na pronúncia, eu estudava sozinho. Tinha a basezinha do seminário na verdade insuficiente.

M.C – Então tu dizias que ia para o curso de francês, mas tu ias mesmo à aula de balé do Seu Rolla?

A.P – Ia para o balé, isso mesmo. “Onde é que tu estás indo? Cadê o dinheiro, o pai tá te dando o dinheiro para isso e não sei o quê”... Bom! Começou uma coisa no ventilador meio perigosa. Eu deveria ir para a aeronáutica, chegou no dia e pensei: “Não posso servir por que tenho espetáculo!” Acho que tinha passado meses... Seu Rolla achou que eu deveria participar do espetáculo, ele queria me emaranhar na coisa... Seu Rolla foi comigo até São Leopoldo falar com minha mãe. Falou sobre a carreira de bailarino e que eu levava jeito.

M.C – Claro.

A.P – Teve o espetáculo de final de ano da escola no Teatro São Pedro, e acabei desistindo da coisa da aeronáutica por excesso de contingente.

M.C – Sim

A.P – Meu pai disse: “Aqui não fica... Não vai fazer o serviço militar? Tchau!” O circo pegou fogo, minha mãe me defendendo. Levei ela no Teatro São Pedro, ela era meio deficiente visual. Tava perdendo a visão, mas ficou encantada, chegou em casa contou para meu pai e meu pai disse: “Acabou, rua!” Aí eu dei um jeito, cheguei para Seu Rolla e disse: “Olha não vou continuar mais por quê...” “Mas o quê que tu não tem?” “Não tenho nada, não posso ficar na minha casa por que meu pai não aceita, tenho que

arrumar emprego.” Seu Rolla disse: “Você não quer trabalhar aqui comigo”? Trabalhar com o quê? Hoje seria office boy... tinha que ir ao banco, tinha que cobrar dos pais as mensalidades atrasadas das alunas e auxiliar em aula. Mas eu não sabia *patavinas* de balé, nomes dos passos etc. As quartas ia aos bancos. A Regina Guimarães², já era professora, a Erenita Parmegiani Teixeira³ e eu auxiliávamos nas classes. À medida que eu levava as crianças de uma diagonal até a outra pela mão aquilo rendia um salariozinho. Pagava uma pensão na Barros Cassal. “Tá! Comer tu não precisas, por que vais emagrecer agora”. Nossa aquilo me assustou... *muito!*

M.C –[risos]

A.P – Gaúcho dizer que não vai comer... Eu não entendia... Bom! Não falei nada, tudo que ele falava eu dizia amém. Ficou assim ele dava um salário, uma ajuda. Com isso pagava pensão e, quando ele saía à noite, jantávamos. Quer dizer ele jantava um tal de sanduiche aberto, por que a noite a gente não pode comer muito. Na cabeça dele, não é! Ele queria que eu fizesse regime forçadamente, claro não me deixava passar fome nem nada *pero...*

M.C – Claro.

A.P – Tudo muito espartano, as primeiras noites foram difíceis! Ele tomava aquelas pinguinhas dele, uma cervejinha e tal e logicamente eu só podia tomar água, suco de laranja. E comer aquele sanduichinho. Veio então àquela doutrina, a grande escola. O trabalho dele foi uma coisa... Um grande pai espiritual, meu grande fazedor de cabeça. Dos dezeseite aos vinte e dois anos ele me reconstruiu foi me domando de xucro a civilizado...

M.C – Sim.

A.P – Meus pais logicamente ajudaram muito na cultura geral e educação básica. Os padres idem. Mas ele me dava aulas inesquecíveis saíamos para jantar então surgia à

² Regina Adylles Endler Guimarães, ex-aluna da Escola de Dança João Luis Rolla

³ Erenita Parmegiani Teixeira, ex-aluna da Escola de Dança João Luis Rolla

doma do animal selvagem, ele tinha os amigos dele e durante o dia comecei a fazer novas amizades. Não sei se tu chegou a conhecer a Nega Lû⁴ e o Flávio⁵? Essa que depois levei para dança e nos tornamos irmãos até hoje.

M.C – Não conheci. Mas me diga quanto tempo tu estudaste com ele? Tu chegou a concluir o curso?

A.P – Eu comecei em 1967... Se não em engano foi em setembro, foi um período confuso e também tinha uma namorada, época de paz e amor, de *hippie*... E eu estava assim... dezessete anos... Estava fervendo. Inventei de estudar além do balé dança espanhola. A namoradinha levei para dança espanhola, levei o Flávio e depois fui puxando eles a nega Lû para o balé também. Aos dezoito anos e poucos eu tive um acidente com essa menina ela ficou mal, Seu Rolla me socorreu. Num dos desesperos ele me levou num pronto socorro. Foi uma fase traumática após o acidente de carro.

M.C – Sim.

A.P – Qual foi a pergunta mesmo?

M.C – Quanto tempo estudou na escola e se tu concluíste algum curso com ele?

A.P – Tá... Então estudei em 67... Depois em 68, 69, 70, lá por 72 decidi ir para a Argentina. Comecei no Seu Rolla e depois fiz um pouquinho com a Carmen Romana⁶, com Dona Marina Fedossejeva⁷. Dança espanhola com a Maruja, Maria Esther da Silva Vieytes, grande professora de dança espanhola que o Rolla me apresentou. Ele conhecia todas as professoras, tudo, depois de um tempo fui da CODANÇA⁸, primeira companhia de dança do Rio Grande do Sul que era da Dona Toni. A Maria Amélia

⁴ Luis Airton Bastos

⁵ Luiz Flavio Alves Rodrigues, ex-aluno da Escola de Dança de João Luiz Rolla.

⁶ Carmen Romana, bailarina e professora de dança espanhola.

⁷ Maria Ester da Silva Vieytes, bailarina russa professora de balé.

⁸ CODANÇA, Companhia de Dança do Rio Grande do Sul criada em 1968 pela Profa. Tony Seitz Petzhold.

Barbosa⁹, bailarina e professora maravilhosa. Dancei com a Escola da Lenita Ruchel¹⁰, e também com a escola da Erenita Parmegiani¹¹, com a escola da Maria Walesca¹² de Alegrete e Alexandre¹³ de Uruguaiana. Por que eu era do Seu Rolla não é?

M.C – Sim.

A.P – Geralmente ia a Regina, a Zelira Einchemberg¹⁴ sei lá quem mais e eu. Uma turminha. Depois fui me enturmando, emagrecendo, ajeitando o corpo e Seu Rolla me doutrinando, apresentando para pessoas, conheci o Catani¹⁵. Ele me levava ao teatro, ao cinema. Deixava pegar um livro de dança e ficar na sala olhando, quando não havia aula. Quando ele viu que eu não sairia correndo, ele deixava ficar no auditório, com o livro. Lia tudo e via tudo, mas era sempre assim ele emprestava o livro e dizia: “Tá quase na hora da aula, acho melhor você parar, daqui a pouco eu vou subir... mas antes... gostei desta foto aqui, quem é ela?” Eu lia e dizia: “Olha não sei ehhhh Claire Motta?” E pronunciava a minha maneira... E ele falava a forma correta: “Claire Motta! Sim e a Margot Fontaine”. Eu não sabia a pronuncia e ele falava a forma correta dos passos em francês, nomes próprios etc continuamente!

M.C – Sim.

A.P – “Da Margot Fontaine... La Fontaine... Fontes no Brasil. Tu sabes que ela tem sangue brasileiro?” E metodicamente me ensinava a ensinar. Então ele falava depois de um tempo: “a coisa vai apertar”. E ele falava assim: “Como chamam?” Eu dizia: “Como chamam o quê?” E ele: “Como chama a opera? Olha... *ihhhhhh tu tá muito verde ainda.*”

⁹ Maria Amélia Barbosa, ex-aluna de Tony Petzhold atuou como bailarina, professora, coreógrafa, solista convidada pelo Teatro Sodre de Montevidéu e foi professora de movimento e ritmo no Departamento de Arte Dramática da UFRGS.

¹⁰ Lenita Ruchel, ex-aluna da Escola de Dança João Luis Rolla

¹¹ Erenita Parmegiani Teixeira, ex-aluna da Escola de Dança João Luis Rolla

¹² Maria Walesca Souza, ex-aluna da Escola de Dança João Luis Rolla

¹³ Nome a confirmar

¹⁴ Zelira Eichemberg, ex-aluna da Escola de Dança João Luis Rolla

¹⁵ Dyrson Cattani era figurinista de teatro. Na década de 60, trabalhou na TV Gaúcha e apresentou o programa "Moda na Tarde" na TV Piratini.

M.C – [riso]

A.P – E dizia: “Tá voltando... Aaaaah! Aida! Isso Aida e de quem é? Ah! Giuseppe Verde... Ah! Verdi é... ta”. Não tinha fim, aquilo era um martírio, não era um martírio, era maravilhoso ao mesmo tempo uma tortura mental entendeu? Até eu saber tudo que ele queria que eu soubesse e pronunciasse corretamente. Às vezes ele não sabia, digamos, ou fazia de conta que não sabia. Então me perguntava: “Qual era o primeiro nome do Cecchetti? Esqueci!” Eu dizia: “Seu Rolla era Enrico”. E ele: “que bom, obrigado.” Ele sabia muito, sabia tudo e foi um período fantástico. Recebia toneladas de informações sempre de formas diferentes e cativantes. Só de pensar me dá vontade de chorar. Foi maravilhoso. Lembro perfeitamente bem das charadas, adivinhas, trocadilhos inocentes e infames...

M.C – Consigo assimilar do que tu contas que tu tiveste uma proximidade muito grande com o professor Rolla é isto mesmo?

A.P – Uma intimidade, sim só que intelectual, platônica.

M.C – Exato, que talvez ninguém tenha tido.

A.P - Eu acho que não, por que era uma coisa assim até ficava... A preocupação dele que não parecesse estar me conquistando, me namorando. Não era um caso do professor, entendeu?

M.C – Sim, entendo.

A.P – Por que ele tinha uma elegância, uma finesse, o lado gay, digamos dele, ele nunca falou assim: “Olha aquele cara foi meu namorado”. Jamais!

M.C – Sim.

A.P – Nunca ele se declarou assim, mas ele dava a entender... Sabe como é a vida, ele tinha umas *metadentro*, umas metáforas entendeu? O lado hetero dele também era visível. Teve grandes paixões, romances sufocados pela condição de figura pública, mestre. A intimidade dele era misteriosa...

M.C – Sim.

A.P – Ele brincava e dava para entender que ele havia sido atleta, que ele saltava obstáculos e que não sei o quê. Ele tinha pudores... Aliás, ele usava muito a palavra *pundonor*. Costumava ficar vermelho quando poucas vezes me atrevi a perguntar sobre as namoradas. Ele não falava assim abertamente das coisas... Depois de um tempo eu já entendia que aquilo... Sabe pelo tom eu já entendia o quê que era, se era viado ou não era viado. Se a tal aluna despertava nele “o fogo”...

M.C – Sim.

A.P – Se ele falava isso de alguém: “Ah eu não sei, é um rapaz assim, ele é muito delicado”. Eu dizia: “Tá! Já sei Seu Rolla. É bicha!” Hoje em dia não é, por que antigamente a gente nem falava essa palavra.

M.C – Sim, entendo!

A.P – Palavras mais fortes *mariquinhas*, *maricas* ou coisas assim... Então a gente teve uma amizade mais que intimidade. Todo mundo que chegava muito perto, acabava fazendo meio que parte da família. Ele morava com as três irmãs. Uma era doente a outra de muita idade a outra viúva. Ele era do signo de Câncer. Ele tinha a família como esteio principal, me tornei amicíssimo de uma irmã que ele gostava. Aquilo abriu qualquer resguardo que ele tinha da pessoa dele. Por que eu era todo educadinho, tinha sido seminarista. Eu não sei se eu era muito *afrescalhado*, como se falava na época, mas acho que não. Como também tinha uma namoradinha para distrair um pouco o povo, acho que me comportava. Com o tempo fui me tornando “hippie”...

M.C – Sim.

A.P – Fiquei super amigo da família, meio que paparicava e ele gostava disso. Sei lá, ele ia dormir, ele ia comer, ele ia não sei o quê, sempre eu andava a tira colo com ele. Aonde ele ia eu andava, mas outras pessoas também tiveram essa amizade, teve uma época que era só eu, era o criado dele. Mas ele sem jamais abusar sabe? “Pega o meu chinelo!” Não! Nada! Ele era assim perfeito cavalheiro, mas eu servia como escudo, às vezes: “Me leva, me puxa para cá por que eu não aguento ver aquela pessoa que vem lá”. A gente caminhava muito a noite na Rua da Praia, eram outros tempos, então havia certa amizade. Após os espetáculos, ele me ensinava como cumprimentar as pessoas, ele falava e depois eu sabia que era para copiar entendeu?

M.C – Sim, entendo.

A.P – Entendi que ele me instruía como andar direito na vida.

M.C – E tu lembras dos espetáculos? Como era a criação artística do professor?

A.P – Sim... Ele tinha uma coisa que acho que também tava ensinando, ele não só... Estava vendo aquele momento dele, mas ele sabia que aquilo estava sendo histórico, hoje eu tenho essa consciência, na época acho que não... Tudo aquilo que ele praticamente me colocou na cabeça, me ensinou reproduzo hoje em dia no... A gente tem um projeto aqui chamado Projeto Joaninha. Cuido das crianças, sou o coordenador do projeto. Eu dou aula de coisas, aulas do Ademar, que é tipo papo e prática; teoria e prática; “libras”. História do balé, a dança no Brasil, musicais, estatuto da criança e adolescente, história da dança, coisas que Seu Rolla me contava, o jeito que ele me passava. Uso descaradamente o método “João Luiz Rolla”, do Seu Rolla.

M.C – Sim.

A.P – Até os apelidos, numa época que nem se pensava em *bullying*, mas ele chamava: “*Oh! Sua chata mor! Ou geladeira*”, coisas que todo mundo fala. Ele dava apelidos, uma era: “*a linda... a atrasada.*” Dizia “ ai! Mas você sempre atrasada.” Brincadeiras que colaram na minha cabeça e hoje percebo... nossa é Rolla puro.

M.C – Sim, e sobre essa parte da criação artística dos espetáculos?

A.P – Dos espetáculos ele fazia charminho, por exemplo: Vinha uma ideia enquanto conversava com alguém ou coisas assim, às vezes ele rabiscava algo sem muito sentido... num papel qualquer de boteco... surgia inspiração.

M.C – Sim.

A.P – Eu perguntava: “O quê que é Seu Rolla”? Ele dizia: “Uhmhhh não seja curioso!”. Aí eu deveria ficar quieto, passava uma semana ele perguntava: “Tu lembra aquele dia quando falei não sejas curioso? Pois naquele dia tive a inspiração do que estás fazendo agora.” *Explicava tudo* quando contava também fazia um pouquinho de mistério, mas acabava dizendo: “Olha eu quero uma... Não isso tem que ser muito mais elevado, quase espiritual, não assim desse jeito, não *é trator.*” Ele usava imagens fortes, contundentes. Na época estava preocupado com o que eu deveria fazer, não ficava muito ligado... Via o processo, ele tendo a ideia e coreografando. Quando concebia um balé, uma dança, ele sabia o que queria. Figurino, música, cenário, etc. O Cattani nestas horas era importante como o sonoplasta, a costureira, a equipe técnica.

M.C – Sim.

A.P – Ficava repetindo os passos... algum movimento, depois dizia: “Olha, tá vendo? Este passo?” e fazia o tal passo e dizia: “é da chopiniana do Fokine¹⁶. O grande salto que você já sabe é aquele do 2001!”

M.C – Sim.

¹⁶ Michel Fokine

A.P – Foi uma coisa gloriosa... Foi um acontecimento cultural lá em Porto Alegre. Não tem quem não fale do espetáculo. Marcou. O Seu Rolla não tinha estudado na Opera de Paris, mas ele tinha um conhecimento profundo. Um gosto apurado. E, meio feito a *La gaúcha*. Intuição. É a machado e a facão, mas sempre refinado. Rigoroso com a musicalidade. Isso eu não consegui pegar dele, sou meio anta musicalmente falando. Ele era auxiliado por pianistas, a senhora Amália¹⁷, a Dona Elisa¹⁸, a Dona Cecy¹⁹ pegava as partituras, ele tinha uma noção grande de música. Com a partitura nas mãos queria saber quando faz o *arabesque*: “é no primeiro compasso? É na primeira nota? Ah, por favor, me dê um 3x4. Poderia trocar essa Valsa por um Tango?” *Profissional!*

M.C – Sim, sim, entendo.

A.P – Não era *chutomêtro*. Ele dava o andamento: “aí tá escrito que é um *adágio*? Andante? Quantos compassos? Acento, *Leitmotiv*, *anacruse*, *anacrusa*, coda, solo, *pás de deux*...” Ele era específico. Aquilo me abria, no começo não entendia, era outra língua. Mas a gente aprende, o quê deve ser a gente aprende rápido.

M.C – Então agora eu gostaria que tu falasses sobre o período em que tu deixas a escola e como ficou o contato com o professor.

A.P - Bem, nós dançamos em Alegrete com aquele grupinho. Como era da região com outro bailarino o Flavio Rodrigues²⁰, visitei minha mãe. Ela morava em Uruguaiiana naquela época e conheci lá um rapaz que era da Argentina e me convidou para ir a Concórdia, Entre Rios... Eu fui. Todo mundo falava na Argentina eu queria ver o tal do Colón e, resumindo, por que é uma novela esta parte da minha vida. Nessa ocasião conheci o Alexandre²¹ que anos depois abriu escola em Porto Alegre. Fui para lá em 1972 e fui para Baía Blanca. Ao sul da província de Buenos Aires, para um balé oficial de lá. Um testezinho com uma secretária do balé que estava em Buenos Aires, ela me

¹⁷ Luiza Amália Leite Pereira, pianista.

¹⁸ Eliza Zimpech, pianista.

¹⁹ Cecy de Souza, pianista.

²⁰ Luiz Flavio Alves Rodrigues ex-aluno da escola de Dança de João Luiz Rolla

²¹ Alexander Sidorov, professor de balé.

viu fazendo aula no estúdio da Olga Kirova²². Brasileiro, dava uma de *Nureyev*²³. Consegui vender o peixe, mas não sabia nada, sabe? Falo de coisas tradicionais tipo Lago dos Cisnes, repertório tradicional Seu Rolla falava, mas uma coisa é falar e ouvir e outra é saber e ter que fazer.

M.C – Sim, claro.

A.P – E escutar música e saber tudo na hora certa. Quando não estava trabalhando com a companhia passei a estudar na escola de balé do próprio teatro. Repertório francês, história da dança e do balé, variações clássicas, coreografia, balé moderno, maquiagem, etc.

M.C - E como é que ficou o teu contato com ele nesse período?

A.P. – Teve época que era meio carta semanal, entende? Devia tortura-lo por que eu não dava um pio, não fazia uma aula se não escrevia para ele ou anotava. Depois comecei a peneirar por que estava demais, e aos poucos a gente vai ficando auto suficiente. *Se achando* como se fala hoje em dia. E fui me desligando, mas sem desligar. Em 1974 voltei, passei em Porto Alegre. Mas eu queria ir para a Europa, estava com vinte e quatro anos. Fui para o Rio, passei fome no Rio, fiz aula no Rio. Trabalhei em show noturno com a Rosemeire²⁴, Peri Ribeiro²⁵, Rogéria²⁶ na boate *Night and Day*. No segundo mês o empresário sumiu e sem dinheiro entrei em contato com o Ricardo Ordonhes²⁷ do balé *El Sur* e Miguel Trezza²⁸, também Argentino que estavam no Stagium em São Paulo. Vim visitá-los e entrei para o Balet Stagium no início de 1975.

M.C – Certo.

²² Bailarina proprietária do Estúdio de Danza Olga Kirova em Buenos Aires

²³ Rudolf Khametovich Nureyev, bailarino.

²⁴ Rosemary Pereira Gonçalves, cantora brasileira.

²⁵ Peri Oliveira Martins, cantor e compositor brasileiro.

²⁶ Nascida Astolfo Barroso Pinto, é uma atriz transformista brasileira.

²⁷ Ricardo Ordonhês, bailarino do Ballet Stagium, coreógrafo nasceu na cidade de Rosário-Praça de Santa Fé (1939-2009).

²⁸ Miguel Trezza, bailarino do Ballet Stagium

A.P – Na Argentina, era época de atentados, o Presidente Perón²⁹ voltara com Isabelita³⁰, a gente estava no teatro e saía correndo por que tinha bomba, mas não tinha nada. Era uma palhaçada. E não pagavam. Ah! Quer saber? Fui embora! Meus amigos estavam em Porto Alegre e passou o Ballet Stagium por lá e eles entraram na companhia. Passei em Porto Alegre, acho que cheguei a dançar com a escola no fim de ano. Depois de um tempinho fui para Rio de Janeiro, mas não deu certo no Rio. Então esses amigos falaram: “Vem para São Paulo.” Aqui a Márika³¹ e Décio³² me convidaram para entrar no balé. Hoje 38 anos depois o Ballet Stagium é literalmente minha casa, meu endereço, minha *famiglia*...

M.C – Sim.

A.P – Parei de escrever cartas para ele, mas cartão, às vezes ia dançar no México, em Paris, qualquer lugar, mandava cartão, claro! Escrevia: “O seu aluno tá aqui. Lembranças para o Mestre mais velho.” E ele dizia: “é eu não enxergo mais.” Ele nunca enxergou. Mas ele sabia se tinha um botão, uma pinta na sapatilha, ele ficava na primeira fileira no teatro. Ele observava tudo, tudo, tudo... “Aquele costuradinho que você deu no elástico da sapatilha tá aparecendo, passa uma base!” Sempre me dava uns toques, bem sutis para não ofender, porque eu era profissional. Estava numa categoria mais elevada. Bobagens do Seu Rolla: “Pare com isso, eu dizia! Tu és o mestre dos mestres!” Eu levava flor para ele, a gente não era muito assim de agarração, abraços, beijinhos. Então ele se emocionava, chorava... Recebia o balé. Eu sei que ele me paparicava, de certa forma, mas não direto. “Olha tu estás muito bem”. *Não!* Era assim: “Uhummm gostei”... Sabe? Era o máximo que ele dizia, ele não ia além. Gostava muito da atuação da Márika, adorava a criatividade, como coreografo, do Décio Otero.

M.C – Entendo.

A.P – Comigo era: “Olha continua se esforçando que tu vais chegar lá.” Era incrível.

²⁹ Juan Domingo Perón, ex-presidente da Argentina.

³⁰ Maria Estela Martínez, mais conhecida como Isabelita Perón, terceira esposa de Juan Domingo Perón e ex-presidente da Argentina.

³¹ Marika Gidali, bailarina húngara, diretora do Ballet Stagium de São Paulo.

³² Décio Otero, bailarino brasileiro, diretor do Ballet Stagium de São Paulo.

M.C – Ademar, estamos chegando ao final da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para que tu dissesses algo que queiras deixar registrado. Então como tu gostarias de terminar esta entrevista?

A.P – Sim, para mim não foi uma entrevista, por que eu fico *viajando na maionese*.

A.P/M.C –[Risos] Mas não tem problema, tu pode depois refazer todo teu texto se tu quiseres, não tem problema algum.

A.P – Tá bem, tô tentando engolir as lágrimas. [choro] Seu Rolla foi tudo para mim, entende? O complemento do pai..., o mestre, o guru, foi meu guru. Até hoje é meu guru. Uma luz, parece que escuto a voz dele dizendo: “Não faça isso, faça aquilo”. É como se fosse uma energia pura que ficou não desapareceu. Ficou para todo mundo porque a gente não consegue esquecer o Seu Rolla. Ele foi o máximo. Nunca encontrei ninguém tão... Com tanta luz, com tanta... generosidade, extraordinário. Parecia um bruxo. Hoje em dia entendo mais as coisas... Essa bruxaria toda, não é tão mística assim, era uma coisa embasada. Ele possuía um amor profundo a dança. Um respeito com o ser humano, com as pessoas, ao mesmo tempo era debochado, alegre, brincalhão, *sentimentalóide* às vezes. Uma criatura adorada! Não morreu! Está acima de tudo. É o mestre.

M.C – Ademar em nome do Centro de Memória da Escola de Educação Física eu agradeço tua disponibilidade em conceder esta entrevista, e nos colocamos a tua disposição para o que precisares.

A.P – Tá bom, tá legal.

[FINAL DA ENTREVISTA]